

VLADIMIR ILITCH

LENINE



O Marxismo e a Insurreição (Setembro 1917)

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DE LISBOA DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS 

O Marxismo e a Insurreição¹

Vladimir Ilitch Lénine
1917

Escrito em 13-14 (26-27) de Setembro de 1917
Publicado pela primeira vez em 1921
na Revista Proletárskaia Revoliútsia nº2.

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I. Lénine
Edição em Português da Editorial Avante, t2, pp 308-312
Traduzido das O. Completas de V.I. Lénine 5ª Ed. russo t.34 pp 241-247

¹ As cartas de Lénine “*Os Bolcheviques devem tomar o Poder*” e “*O Marxismo e a Insurreição*” foram discutidas na reunião do CC de 15 (28) de Setembro de 1917. O Comité Central tomou a decisão de fixar para muito breve uma reunião do CC dedicada à discussão das questões tácticas. Foi colocada à votação a questão de conservar apenas um exemplar das cartas de Lénine. Houve 6 votos a favor desta proposta, 4 contra e 6 abstenções. Kámenev que era contra a linha do Partido em direcção à Revolução Socialista, apresentou à reunião do CC um projecto de resolução dirigido contra as propostas de Lénine de organização da insurreição armada. O Comité Central rejeitou a resolução de Kámenev.

Entre as mais maldosas e talvez mais divulgadas deturpações do marxismo pelos partidos «socialistas» dominantes encontra-se a mentira oportunista de que a preparação da insurreição, e em geral o tratamento da insurreição como uma arte, é «blanquismo».

O chefe do oportunismo, Bernstein, adquiriu já uma triste celebridade ao acusar o marxismo de blanquismo e, no fundo, os oportunistas de hoje em nada renovam nem «enriquecem» as pobres «ideias» de Bernstein com os gritos de blanquismo.

Acusar os marxistas de blanquismo porque tratam a insurreição como uma arte! Poderá haver deturpação mais gritante da verdade, quando nenhum marxista nega que foi precisamente Marx quem se pronunciou da forma mais determinada, precisa e indiscutível sobre isto, chamando a insurreição precisamente uma **arte**, dizendo que se deve tratar a insurreição como uma arte, que é necessário **conquistar** um primeiro êxito e ir de êxito em êxito, sem interromper a **ofensiva** contra o inimigo, aproveitando a sua confusão, etc., etc.?

Para ter êxito, a insurreição deve apoiar-se não numa conjura, não num partido, mas na classe avançada. Isto em primeiro lugar. A insurreição deve apoiar-se **no ascenso revolucionário do povo**. Isto em segundo lugar. A insurreição deve apoiar-se naquele **ponto de viragem** na história da revolução em crescimento em que a actividade das fileiras avançadas do povo seja maior, em que sejam mais fortes as **vacilações** nas fileiras dos inimigos e **nas fileiras dos amigos fracos, hesitantes e indecisos da revolução**. Isto em terceiro lugar. Estas são as três condições da colocação da questão da insurreição que distinguem o **marxismo do blanquismo**.

Mas uma vez que existem estas condições, negarmo-nos a tratar a insurreição como uma **arte** significa trair o marxismo e trair a revolução.

Para demonstrar porque é que é precisamente o momento que atravessamos aquele em que é **obrigatório** para o partido reconhecer que a **insurreição** foi posta na ordem do dia pela marcha objectiva dos acontecimentos e tratar a insurreição como uma arte, para o demonstrar o melhor é talvez utilizar o método comparativo e confrontar o 3-4 de Julho com os dias de Setembro.

A 3-4 de Julho podia-se, sem faltar à verdade, colocar assim a questão: seria mais correcto tomar o poder, pois, de outro modo, os inimigos igualmente nos acusarão de insurreição e acabarão connosco como insurrectos. Mas daqui não se podia tirar a conclusão da utilidade da tomada do poder naquele momento, pois então não existiam as condições objectivas para a vitória da insurreição.

1) Não estava ainda connosco a classe que é a vanguarda da revolução. Não tínhamos ainda a maioria entre os operários e os soldados das capitais. Agora ela existe em ambos os Sovietes. Ela foi criada **apenas** pela história de Julho e Agosto, pela experiência das «represálias» contra os bolcheviques e pela experiência da kornilovada.

2) Não havia então o ascenso revolucionário de todo o povo. Agora, depois da kornilovada, existe. Demonstram-no a província e a tomada do poder pelos Sovietes em muitos lugares.

3) Não havia então **vacilações**, em proporções políticas gerais sérias, entre os nossos inimigos e entre a pequena burguesia hesitante. Agora as vacilações são gigantescas: o nosso principal inimigo, o imperialismo aliado e mundial, pois os «aliados» estão à cabeça do imperialismo mundial, **começa a vacilar** entre a guerra até à vitória e uma paz separada contra a Rússia. Os nossos democratas pequeno-burgueses, tendo perdido claramente a maioria do povo, começaram a vacilar gigantescamente, rejeitaram o bloco, a coligação, com os democratas-constitucionalistas.

4) Por isso a insurreição em 3-4 de Julho teria sido um erro: nós não conservaríamos o poder, nem física nem politicamente. Fisicamente, apesar de que Petrogrado esteve por momentos nas nossas mãos, pois os nossos operários e soldados não estavam então dispostos a **bater-se, a morrer** pela posse de Petrogrado: não havia a «fúria», o ódio ardente **tanto contra** os Kérenski **como contra** os Tseretéli-Tchernov, os nossos homens ainda não estavam temperados pela experiência das perseguições contra os bolcheviques, com a participação dos socialistas-revolucionários e mencheviques.

Politicamente, não conservaríamos o poder em 3-4 de Julho porque, **antes da kornilovada**, o exército e a província podiam marchar e marchariam contra Petrogrado.

Agora o quadro é completamente diferente.

Temos por nós a maioria da **classe** que é a vanguarda da revolução, a vanguarda do povo, capaz de arrastar as massas.

Temos por nós a maioria do povo, pois a demissão de Tchernov está longe de ser o único indício, mas é o mais visível e mais palpável, de que o campesinato **não receberá a terra** do bloco dos socialistas-revolucionários, (nem dos próprios socialistas-revolucionários). E nisto reside a essência do carácter popular da revolução.

Temos por nós a vantagem da situação de um partido que conhece firmemente o seu caminho, num momento de vacilações inauditas tanto **de todo o imperialismo** como de todo o bloco dos mencheviques e socialistas-revolucionários.

Temos por nós uma **vitória segura**, pois o povo está já à beira do desespero e nós apontamos a todo o povo a saída segura, mostrando a todo o povo «nos dias da kornilovada» a importância da nossa direcção, e depois **propondo** um compromisso aos bloquistas e **recebendo deles uma recusa** sem que tenham de modo nenhum terminado as vacilações por parte deles.

Seria o maior dos erros pensar que a nossa proposta de compromisso **ainda** não foi rejeitada, que a Conferência Democrática **ainda** pode aceitá-la. O compromisso foi proposto **por um partido a partidos**; não podia ser proposto de outro modo. Os **partidos** rejeitaram-no. A Conferência Democrática é apenas uma **conferência**, nada mais. Não se deve esquecer uma coisa: nela não está representada a **maioria** do povo revolucionário, o campesinato pobre e exasperado. É uma conferência **da minoria do povo** - não se pode esquecer esta verdade evidente. Seria o maior dos erros, o maior cretinismo parlamentar da nossa parte se tratássemos a Conferência Democrática como um parlamento, pois **mesmo** se ela se declarasse o parlamento permanente e soberano da revolução, **nada resolveria** também: a decisão está **fora dela**, nos bairros operários de Petrogrado e de Moscovo.

Temos diante de nós todas as premissas objectivas de uma insurreição com êxito. Temos diante de nós as excepcionais vantagens de uma situação em que **só** a nossa vitória na insurreição porá fim a essa coisa mais penosa do mundo, as vacilações, que esgotaram o povo; em que **só** a nossa vitória na insurreição dará imediatamente a terra ao campesinato; - em que **só** a nossa vitória na insurreição **fará fracassar** o jogo de uma paz separada contra a revolução, e fá-lo-á fracassar mediante a proposta aberta de uma paz mais completa, mais justa, mais próxima, uma paz **em proveito** da revolução.

Só o nosso partido, finalmente, vencendo na insurreição, **pode** salvar Petrogrado, pois se a nossa proposta de paz for rejeitada e não obtivermos nem sequer um armistício, então **nós** tornar-nos-emos «defensistas», então por-nos-emos **à cabeça dos partidos da guerra**, seremos **o mais «guerreiro»** dos partidos, conduziremos a guerra de uma maneira verdadeiramente revolucionária. Tiraremos aos capitalistas todo o pão e **todas** as botas. Deixar-lhes-emos migalhas, calçá-los-emos com alpargatas. Daremos todo o pão e todo o calçado para a frente.

E então defenderemos Petrogrado.

Na Rússia são ainda imensamente grandes os recursos tanto materiais como espirituais para uma guerra verdadeiramente revolucionária; há 99 probabilidades em 100 de que os alemães nos darão pelo menos um armistício. E obter um armistício agora significa já vencer **todo o mundo**.

* * *

Reconhecendo a absoluta necessidade da insurreição dos operários de Petrogrado e de Moscovo para salvar a revolução e para nos salvarmos da partilha «separada» da Rússia pelos imperialistas de ambas as coligações, devemos, em primeiro lugar, adaptar a nossa tática política na Conferência às condições da insurreição que cresce; devemos, em segundo lugar, demonstrar que não reconhecemos apenas em palavras a ideia de Marx da necessidade de tratar a insurreição como uma arte.

Devemos, na Conferência, unir imediatamente a fracção dos bolcheviques, sem correr atrás do número, sem recer deixar os vacilantes no campo dos vacilantes: **aí** eles são mais úteis à causa da revolução do que no campo dos lutadores decididos e abnegados.

Devemos redigir uma breve declaração dos bolcheviques, sublinhando da maneira mais incisiva a inoportunidade dos longos discursos, a inoportunidade dos «discursos» em geral, a necessidade de uma acção imediata para salvar a revolução, a absoluta necessidade de cortar completamente com a burguesia, de destituir completamente todo o governo actual, de romper de maneira absoluta com os imperialistas anglo-franceses, que preparam a partilha «separada» da Rússia, a necessidade da passagem imediata de todo o poder para as mãos da **democracia revolucionária, encabeçada pelo proletariado revolucionário**.

A nossa declaração deve ser a formulação mais breve e incisiva **desta** conclusão em ligação com os projectos programáticos: paz aos povos, terra aos camponeses, confiscação dos lucros escandalosos e repressão da sabotagem escandalosa da produção pelos capitalistas.

Quanto mais breve, quanto mais incisiva for a declaração, melhor. Nela é preciso salientar claramente apenas mais dois pontos muito importantes: o povo está esgotado pelas vacilações, o povo está dilacerado pela indecisão dos socialistas-revolucionários e mencheviques; nós rompemos definitivamente com estes **partidos**, pois eles traíram a revolução.

E o outro é: propondo imediatamente uma paz sem anexações, rompendo imediatamente com os imperialistas aliados e com todos os imperialistas, obteremos imediatamente ou um armistício ou a passagem de todo o proletariado revolucionário para o lado da defesa, e o prosseguimento, sob a sua direcção, pela democracia revolucionária, de uma guerra verdadeiramente justa, verdadeiramente revolucionária.

Depois de ter lido esta declaração, depois de chamar a **decidir** e não a falar, a **actuar** e não a escrever resoluções, devemos **lançar** toda a nossa fracção **para as fábricas e os quartéis**: é aí o seu lugar, é aí que está o nervo da vida, é aí que está a fonte da salvação da revolução, é aí que está o motor da Conferência Democrática.

Aí devemos explicar em discursos ardentes e apaixonados o nosso programa e colocar a questão assim: ou a aceitação **completa** dele pela Conferência, ou a insurreição. Não há meio termo. É impossível esperar. A revolução perece.

Colocando a questão assim, concentrando toda a fracção nas fábricas e nos quartéis, **calcularemos correctamente o momento para o começo da insurreição**.

E para tratar a insurreição de um modo marxista, isto é, como uma arte, devemos, ao mesmo tempo, sem perder um minuto, organizar o **estado-maior** dos destacamentos insurreccionais, distribuir as forças, lançar os regimentos de confiança para os pontos mais importantes, cercar o teatro Alexandrinski, tomar a Fortaleza de Pedro e Paulo², prender o estado-maior general e o governo, enviar contra os cadetes e contra a «divisão selvagem» destacamentos capazes de morrer para não deixar que o inimigo abra caminho para os centros da cidade; devemos mobilizar os operários armados, chamando-os ao combate final e desesperado, tomar imediatamente os telégrafos e os telefones, instalar o **nosso** estado-maior da insurreição na central telefónica, ligar com ele por telefone todas as fábricas, todos os regimentos, todos os pontos da luta armada, etc.

Tudo isto, naturalmente, como exemplo, apenas para **ilustrar** que no momento que vivemos não se pode permanecer fiel ao marxismo, permanecer fiel à revolução, **sem tratar a insurreição como uma arte**.

2 O Teatro Alexandrinski em Petrogrado era o local onde se realizava a Conferência Democrática.

Fortaleza de Pedro e Paulo: prisão onde, durante o tsarismo, se encarceravam os presos políticos. A Fortaleza de Pedro e Paulo tinha um enorme arsenal e era um importante ponto estratégico da Cidade de Petrogrado.